

Palavras e Outras Palavras: a Teologia, as Mulheres e o Poder

Wanda Deifelt

As palavras sempre foram o material de trabalho da teologia. Aliás, a religião, de modo geral, serve-se de ritos e palavras, trabalhando o imaginário simbólico e traduzindo-o para dentro de um universo específico de palavras. Palavras são como a matéria-prima que vai sendo moldada e tomando forma dentro da religião. As palavras são usadas para explicar, convencer, converter, admoestar ou consolar.

Dentro da teologia, assim como em qualquer forma de comunicação intencional, as palavras não são um mero enunciado de fonemas sem sentido. Palavras são escolhidas e empregadas de modo consciente para expressar um significado. Neste caso, o significado é religioso. Mas, dentro da tradição judaico-cristã, a palavra é muito mais do que um meio de comunicação. A própria palavra assume uma conotação religiosa, tornando-se um sinônimo para o divino.

A Palavra como Ação

No Antigo Testamento, a palavra é sinônimo de poder, um poder transformador e reparador. O primeiro relato da criação (Gn 1.1-2.4a) nos conta que Deus cria o mundo e tudo que há nele em seis dias. No sétimo Deus descansa de sua obra. O modo como Deus cria, no entanto, é completamente distinto dos outros relatos de criação da época. Deus não cria com as mãos e muito menos com violência (como acontece no mito babilônico, por exemplo). Deus cria, ordenando o caos, com as palavras. Deus “diz” e as coisas acontecem. Depois de criar com as palavras, Deus também dá nome à sua criação e, em alguns casos, a abençoa.

O termo *dabar* (“palavra”, em hebraico) é muito mais do que um enunciado fonético com alguma significação. É, na verdade, palavra-ação. *Dabar* não é só retórica, mas a palavra que faz acontecer. Por isto ela tem um sentido ativo, dinâmico. Usando somente o primeiro relato da criação como exemplo, vemos que a palavra tem uma conotação divina porque ela serve para criar, organizar, dar nome, abençoar e incumbir. No Antigo Testamento, a palavra está em profunda ligação com o Espírito de Deus, pois ambos provêm da sua boca (Sl 33.6).

De modo especial, a palavra de Deus tem o poder de transformar:

Como a chuva e a neve descem do céu e para lá não voltam, sem terem regado a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, dando semente ao semeador e pão ao que come, tal ocorre com a palavra que sai da minha boca: ela não torna para mim sem fruto; antes ela cumpre a minha vontade e assegura o êxito da missão para a qual a enviei. (Is 55.10-11.)

A Palavra como Corpo

No Novo Testamento, a palavra é sinônimo de divindade. Lemos no primeiro capítulo do Evangelho de João que o *Logos* (verbo) se fez carne e habitou entre nós (Jo 1.14). Numa clara referência à encarnação, João mostra como a palavra divina se corporifica. A palavra não é somente o sopro que sai da boca de Deus, como nos dizia o AT, mas ela toma corpo, é carne. A palavra é corpo, com suas alegrias e tristezas, prazeres e mazelas. Ela não pertence exclusivamente ao mundo espiritual, mas adentra o mundo temporal, o mundo do corpo, das marcas corporais.

Diga-se de passagem que nessa expressão “o verbo se fez carne” juntam-se dois aspectos aparentemente excludentes. Dentro da tradição grega, por exemplo, as palavras fazem parte do mundo da retórica. A retórica, por sua vez, pertence ao universo masculino, já que é uma prerrogativa dos cidadãos (homens livres e proprietários) e está em um plano superior, ligado à cultura e ao conhecimento. Já a carne era vista como ligada à corporalidade, às necessidades físicas, à sexualidade, estando num mundo inferior (diga-se de passagem, feminino). As palavras são do universo masculino, e o corpo do mundo feminino. Que “o verbo se faz carne” é uma relação dialética de *sema* e *soma* com a qual a teologia cristã, herdeira da cultura grega, ainda hoje tem dificuldade de conviver. A palavra é, também, corpo, e o corpo, apesar de ter uma linguagem própria para se expressar, ainda assim precisa das palavras.

“Este é o corpo e o sangue de Cristo” são as palavras que proferimos na distribuição da Ceia do Senhor. A palavra é também um corpo partido, doído, sofrido, que evoca a ressurreição, que conclama a uma vida nova, que dá perdão às pessoas por seus erros e pecados. É palavra de transformação. A palavra e o rito fazem isto, mas é a palavra, modulada pela voz, que toma o consolo, a esperança e a promessa inteligíveis. O rito sem a palavra não tem a mesma significação, pois se abre a múltiplas interpretações. Antes da celebração da Ceia, seguindo o prontuário, fazemos questão de refletir sobre o que estamos fazendo. Perguntamos pelo significado desse comer e beber. As palavras nos acompanham e nos dão compreensão para entender a palavra de perdão e graça.

Mas o exemplo mais importante para este ensaio se encontra justamente em uma das formas pela qual Jesus Cristo mesmo optou para o seu ensino. Naturalmente, ele ensinava com palavras e ações, mas para nós interessa o poder das palavras. A palavra — do grego *parabole* e do latim *parabola* — é uma das

maneiras pelas quais Jesus transmitia seu conhecimento. Ele o fazia com parábolas, contando histórias¹. Em suas parábolas, usava imagens encontradas no cotidiano das pessoas. É em relação às situações corriqueiras, do dia-a-dia, eventos aparentemente sem importância, que as parábolas refletem sabedoria. O propósito é sempre a reflexão, o levar a pensar. Toma-se uma situação corriqueira, partindo da experiência de vida das pessoas, e sobre ela se reflete teoricamente. Por isto as parábolas de Jesus são tão cativantes. Elas nos falam das “coisas miúdas” das quais a vida é feita: amassar pão, varrer a casa, colher o fruto de uma árvore, pescar, educar um filho, a casa que é construída num lugar seguro, o ladrão que chega no meio da noite...

Essa caminhada em compasso acelerado pelo mundo da teologia nos dá uma idéia da importância que as palavras têm dentro de nossa tradição. Porém, por um momento, gostaria de desviar o assunto da religião e direcionar a atenção para o âmbito da literatura para estabelecer alguns paralelos, desta vez especificamente sobre o papel das mulheres e o poder das palavras². Faço uso de duas histórias, talvez conhecidas.

O Paralelo de Duas Histórias

A primeira é uma história das mil e uma noites, aliás, a moldura que dá sustentação às histórias contadas nas 1.001 noites. Estas histórias são apresentadas em duas versões: a de Antoine Galland (1717) e de Mardrus (1899)³. Sheherazade é a personagem que conta as histórias que marcaram a nossa infância (Aladim e a lâmpada maravilhosa, Simbad o marujo, etc.). É uma história conhecida. Xariar, o sultão de todas as Índias, da Pérsia e do Turquestão, descobre um dia que sua mulher o traía. Cheio de ira, e convencido de que nenhuma mulher poderia ser merecedora de confiança, o sultão decide que cada dia se casará com uma virgem, mas que, ao amanhecer, ela será morta. O início dessa prática traz muita desolação à cidade.

O grão-vizir é encarregado de trazer as noivas e, no dia seguinte, matá-las. Ele próprio tem duas filhas, Sheherazade e Dinerzade. Sheherazade é descrita da seguinte maneira:

(...) tinha uma coragem maior do que seria de esperar de seu sexo, e um espírito de uma admirável penetração. Tinha muita leitura e uma memória tão prodigiosa, que nada lhe escapava, de tudo que ela havia lido. Aplicara-se com todo sucesso ao estudo da filosofia e da medicina, e das belas-artes; e fazia versos melhores que os mais célebres poetas de seu tempo. Além disto, era provida de uma grande beleza, e uma muito sólida virtude coroaava todas estas belas qualidades.⁴

Sheherazade, vendo o terror que assolava a cidade por causa do sultão, se oferece para pôr fim à barbárie imposta por ele através do casamento. Mas

combina com a irmã um plano: sob o pretexto de passarem juntas uma última noite, Dinerzade deveria dormir no quarto nupcial. Uma hora antes do sol raiar, deveria pedir a Sheherazade que contasse uma história — talvez pela última vez. E assim acontece. Depois de ter dormido com o sultão, com o qual naturalmente tem relações sexuais, Sheherazade obtém a permissão para começar a narração. Mas no auge do suspense, quando a história está para ser definida e a curiosidade do sultão está realmente aguçada, Sheherazade interrompe sua história alegando que o dia já raiou.

A irmã observa ser uma pena não conhecer o fim da história, e Sheherazade afirma que a continuação seria maravilhosa e que, se o sultão quisesse, ela poderia terminá-la na noite seguinte. O pedido é concedido, e assim ela ganha mais um dia de vida. Mas, na noite seguinte, depois de terminada a história que ela havia iniciado na noite anterior, Sheherazade inicia uma nova história. De novo, no auge do suspense e no romper da aurora, ela interrompe a narração. Noite após noite, o sultão é atiçado em sua curiosidade e a cada aurora dá a Sheherazade a chance de viver mais um dia. E assim se passam 1.001 noites, cheias de histórias. Ao final da 1.001^a noite, o sultão se rende dizendo:

Bem vejo, amável Sheherazade, que sois inesgotável em vossas narrativas; há muito me divertis; pacificastes a minha cólera, e eu renuncio de bom grado à lei cruel que eu me tinha imposto... Desejo que sejais considerada como a libertadora de todas as moças que deveriam ser imoladas ao meu justo ressentimento.⁵

Com as suas palavras, Sheherazade vence a morte e o poder. Ela salva não só a sua própria vida, mas a de todas as moças que seriam sacrificadas. Na descrição de Sheherazade, seus atributos intelectuais (em especial sua memória) aparecem em primeiro lugar. Só em um segundo plano está a sua beleza. Com a sua memória ela vai tecendo as histórias que vão sendo contadas nestas 1.001 noites. No fim, temos uma bela narrativa. Mantendo o suspense, ela vai tramando a sua sobrevivência: um dia a mais de vida. Junto com a memória, nesse jogo de poder em que ela está em situação desfavorável, há o uso da esperteza, da astúcia. Aliás, esta é uma arma muito usada pelos mais fracos em relação aos mais fortes.

Esta contadora de histórias é alguém com memória⁶. Contar histórias significa retomar as tradições, os fatos do passado e os eventos do presente e torná-los atraentes, dando-lhes uma significação. Uma história tem, em geral, um propósito. No caso de Sheherazade, a história tem dois propósitos: um é o da história em si, que vai tendo seu enredo tecido pelas palavras da contadora de histórias. O outro propósito é a própria sobrevivência. Mas essa sobrevivência tem um sentido de melhoria qualitativa de vida. Lembrem-se que, ao final, o sultão retira a sentença imposta às mulheres, já que o motivo que dera início à matança (a fidelidade) havia sido reiterado em Sheherazade. As palavras dão ao sultão uma nova possibilidade: amar. Matakando a mulher com quem dormia a cada noite, tornava-se impossível estabelecer qualquer vínculo ou dar continuidade ao relacionamento.

As Mulheres e a Palavra

Sheherazade faz uso do poder das palavras de um modo magistral. Ela consegue trabalhar com o desejo. Não só o desejo físico (na versão de Mardrus, depois das 1.001 noites Sheherazade apresenta ao sultão as crianças que nasceram neste meio tempo). Também há o desejo de uma nova história, a curiosidade que precisa ser saciada. “Satisfazer a curiosidade, para o sultão, significa prazer. Postergá-la, significa cultura.”⁷ Sheherazade faz uso das palavras de modo astucioso, cativante e prazeroso. As suas palavras são simultaneamente cultura e deleite. Mas ela o faz em um contexto que pertence ao mundo feminino. Ela é uma contadora de histórias que atua dentro do universo doméstico, no quarto. Atém-se ao mundo privado (mesmo que o tema de suas histórias extrapole este universo).

Como muitas mulheres, ela retém seu conhecimento para o mundo da casa, da família. Suas palavras são tão cheias de memória, tão poderosas, que chegam ao ponto de vencer o poder e a morte. Mas suas palavras precisam da astúcia. Ela não tem o poder de pleitear, logo no primeiro dia, que o sultão a deixe viver. Por isso, justamente pela falta de poder, ela faz uso de um poder alternativo. Vai usando outras palavras, outro modo de comunicação. Vai tecendo uma trama dia após dia, no mundo doméstico, na alcova. Ali ela vai exercendo o *seu* poder. Mas este poder é como uma faca de dois gumes: ele é positivo porque assegura a sobrevivência, mas é negativo porque dá a impressão de que a mulher só sabe fazer uso do poder da palavra desta forma (seja por subterfúgios, meias palavras, dizendo que sim, mas fazendo que não, ou dizendo que não, mas querendo).

No caso específico de Sheherazade, suas palavras não teriam se tornado públicas se não fosse por intermédio do próprio sultão. Um exemplo: vendo que uma história que Sheherazade acaba de contar é tão extraordinária, o sultão manda que um famoso historiador a escreva e a guarde no tesouro real. Cópias deste original são feitas e tornam a história pública. Mas não é trabalho de Sheherazade tornar a história, a memória, uma coisa pública. Mesmo que o nome da autora seja preservado, é tarefa do historiador oficial, um homem, transmitir a palavra à população.

A Vendedora de Palavras

Uma outra história, também do mundo da literatura, mas bem menos conhecida de nós, vem da autora Isabel Allende, em seu livro *Cuentos de Eva Luna*⁸. Trata-se da história de Belisa Crepusculario. Belisa tem como ofício vender palavras, percorrendo o país. Instala-se nas feiras e mercados, onde arma uma tenda, e ali, protegida do sol e da chuva, atende sua clientela. Não precisa anunciar sua mercadoria, pois de tanto perambular, já é conhecida por todos. Quando aparece nas aldeias, as pessoas fazem fila defronte à sua tenda.

Vendía a precios justos. Por cinco centavos entregaba versos de memoria, por siete mejoraba la calidad de los sueños, por nueve escribía cartas de enamorados, por doce inventaba insultos para enemigos irreconciliables. También vendía cuentos, pero no eran cuentos de fantasía, sino largas historias verdaderas que recitaba de corrido, sin saltar nada. Así llevaba las nuevas de un pueblo a otro... A quien le comprara cincuenta centavos, ella le regalaba una palabra secreta para espantar la melancolia. No era la misma para todos, por supuesto, porque eso habría sido un engaño colectivo. Cada uno recibía la suya con la certeza de que nadie más la empleaba para ese fin en el universo y más allá.⁹

Belisa Crepusculário havia nascido em uma família tão miserável que nem nome para as crianças podia dar. Ela mesma se dá o nome que tem. Depois de enterrar os quatro irmãos menores, e compreendendo que chegava a sua vez, decide pôr-se a caminho para burlar a morte. Salva a sua vida e, por coincidência, descobre a escrita. Depois de ter atravessado o deserto a pé, e ao se aproximar de um vilarejo perto do litoral, uma folha de papel amarelo e quebradiço lhe cai aos pés. Vencendo a timidez, pergunta a um homem que estava lavando um cavalo no mesmo charco turvo de onde ela havia bebido água, o que era aquilo. “A página esportiva do jornal”, é a resposta, que nem se assombra com sua ignorância. Mas ela quer mesmo saber o que são aquelas patinhas de mosca desenhadas no papel. “São palavras, filha. Diz aí que Fulgencio Barba nocauteou a Negro Tiznao no terceiro round.”

Neste dia, Belisa Crepusculário descobre que as palavras andam soltas, sem dono, e que qualquer um com um pouco de manha pode apoderar-se delas. Considera sua situação e chega à conclusão de que, além de se prostituir ou trabalhar como empregada na casa dos ricos, não tem muita opção. Vender palavras lhe parece, então, uma alternativa decente. E, quando descobre que palavras podem ser escritas em outras partes, além das folhas do jornal, paga 20 pesos a um padre para lhe ensinar a ler e escrever. Com outros três pesos, compra um dicionário, que lê de A até Z e depois lança ao mar. Afinal, não é sua intenção enfadar seus clientes com palavras rebuscadas.

Palavras que Garantem Sobrevivência

É possível traçar alguns paralelos entre as duas histórias. A história de Belisa Crepusculário, assim como a de Sheherazade, serve de moldura para outros contos que se seguem. Em ambas, as palavras garantem a sobrevivência. Belisa Crepusculário faz das palavras o seu ganha-pão, burla a morte, garante a sua vida. Como Sheherazade, ela usa de esperteza: diante de tanta morte, não é possível ficar passiva. A morte dos irmãos ou a de outras moças imoladas leva a uma reação. É a iminência da morte que leva ao uso das palavras. Belisa se põe a caminho, atravessando o deserto, até chegar à costa. Sheherazade se oferece como esposa a

um sultão. Ambas conseguem a sua sobrevivência, um dia a mais de vida, com as palavras.

As palavras também garantem uma melhora qualitativa de vida. De miserável e na iminência de morrer de fome, Belisa se torna conhecida por todos os povoados em que passa, chegando ao ponto de nem precisar anunciar a sua mercadoria. As pessoas fazem fila na frente da sua tenda. Na primeira história, o impulso inicial chega a ser quase épico: uma moça de elite, filha de um grão-vizir, se oferece para aplacar a ira de um sultão e, através de suas palavras, liberta todas as moças do reino do jugo de um tirano mal-amado. Com Belisa a história é diferente. É a própria fome (de comida e até de conhecimentos, poderia-se dizer) que leva à empreitada de aprender a ler e escrever. A melhora qualitativa da vida de Belisa extrapola em muito a de Sheherazade. Sheherazade vem de uma família de poder aquisitivo respeitável, que recebeu uma educação formal, para quem a vida na corte não é estranha. Belisa Crepusculário tem que vencer a fome para chegar onde quer e também a própria timidez para perguntar o que está escrito em uma simples folha de papel. Ao fim do relato, ela está falando em praça pública.

Mas Belisa Crepusculário também conserva um quê de doméstico, juntando o mundo público do mercado com o mundo privado da casa: ela carrega debaixo dos braços a sua própria tenda. A tenda é o lugar onde trabalha. Ela não faz discursos do centro da praça, mas fala a partir de sua tenda. Traz a casa para o mundo público. Ela também mantém a mesma integridade/fidelidade de Sheherazade. O que cobra pelas suas palavras é o preço justo. Tem até uma tabela de preços. A quem compra o equivalente a 50 centavos, Belisa presenteia com uma palavra secreta para espantar a melancolia. As palavras não são proferidas para serem levadas pelo vento, como aquela folha de jornal que lhe caíra aos pés. Elas têm um propósito e uma significação. Em ambas as histórias, a sua significação tem a ver com a sobrevivência, com a preservação da memória, com os relacionamentos humanos e com os afetos. A palavra que espanta a melancolia é como o processo das 1.001 noites que, chegando ao fim, reinstaura a confiança do sultão e possibilita a continuidade de um relacionamento. A palavra secreta de Belisa Crepusculário acaba com a melancolia. Em ambas as histórias a palavra tem um poder transformador.

Palavras de Mulheres como Poder Alternativo

O que tudo isso tem a ver com a teologia e com as mulheres? Em primeiro lugar, a teologia, o falar de Deus, não tem sido um campo muito familiar para as mulheres. Não que as mulheres estivessem ausentes. Muito pelo contrário. A religião não subsistiria sem as mulheres, que passam seu conhecimento religioso de uma geração à outra (na educação das crianças, por exemplo). A falta de

familiaridade é justamente no universo teórico. Em outras palavras, enquanto que as mulheres são o grande contingente das igrejas, elas não são, necessariamente, parte do grupo pensante, aquele que reflete, sistematiza, teoriza e planeja. A maioria das mulheres restringe o seu papel, as suas palavras, a sua reflexão teológica ao universo doméstico, familiar. Como na história de Sheherazade, isto é uma questão de necessidade, de exercício alternativo de poder. São as mulheres que contam as histórias do povo de Deus de outras épocas, que ensinam as primeiras orações. Mas o poder dessas palavras subsiste somente no âmbito do privado.

É verdade que as mulheres contam histórias (como Sheherazade). O contar histórias tem um caráter educativo. Usa-se uma história quando se quer transmitir uma mensagem, mas fazendo-o de modo que a pessoa que ouve a história chegue às suas próprias conclusões. A história não termina dizendo: a moral é esta. Existe um processo de distanciamento e decodificação de quem escuta. Quem ouve a história é convidada a participar do processo reflexivo e narrativo. Uma história vai sendo repetida, dentro da tradição oral, na medida em que ela tem relevância. As pessoas repetem aquilo que ouviram porque, de certa maneira, conseguem se identificar com personagens, ou enredo, ou cenário, etc. O contar histórias é sempre um processo relacional, pois quem conta uma história precisa que alguém escute. Contar histórias deve ser feito face a face. Isto as mulheres fazem muito bem no âmbito privado.

A importância das palavras (também as teológicas) no âmbito privado não deve ser negada nem diminuída. Mas há outro aspecto da palavra, que é a força criadora e transformadora no sentido bíblico e teológico que descrevemos anteriormente. A palavra não serve só para transmitir conhecimentos de uma geração à outra. Ela é parte integrante do processo de reflexão, autoconhecimento e conscientização. De modo especial, acredito que o contar histórias pode ser um processo de reflexão sobre a própria vida e sobre a realidade circundante. É necessário verbalizar uma situação, falar sobre ela, e não apenas senti-la e experienciá-la. Tem que haver um distanciamento dessa experiência, algo que fomente a reflexão. Isto pode ser feito através das palavras e, mais especificamente, do contar *a sua própria história*. Assim, a experiência pode também ser coletivizada e entrar para a memória.

Contar a Própria História

Uma história é utilizada como um referencial teórico que sintetiza uma situação de vida. Conta-se a história de alguém, de um evento. A história não acontece num vácuo, mas faz uso de elementos do cotidiano, das necessidades do dia-a-dia. A mim, de modo especial, interessam as histórias de vida. A história se presta para uma auto-reflexão, possibilita que a contadora da história se distancie momentaneamente da sua realidade, de modo a abstrair e universalizar a sua experiência. A teologia é importante porque dentro do imaginário simbólico a

religião desempenha uma função muito importante. As experiências de fé também precisam ter seu lugar dentro das histórias de vida das mulheres, de modo que elas possam refletir autonomamente sobre elas. A história de vida das mulheres também é uma história de fé.

Dentro da teologia feminista, tem-se usado uma técnica muito interessante nesse processo de conscientização das mulheres: são as histórias de vida das mulheres. As histórias de vida dão às mulheres a possibilidade de falarem sobre sua realidade, de compartilharem suas experiências, usando, por exemplo, um texto bíblico como base para a reflexão. O ponto central é que as próprias mulheres possam assumir-se enquanto sujeitos ativos e pensantes, e que fazem uso da palavra para refletir sobre a sua própria vida. O texto bíblico oferece um ou mais temas geradores que propiciam a troca de experiência e de reflexão. As histórias da Bíblia tornam-se até paralelos com as próprias histórias da atualidade.

Temos que reconhecer que a teologia colocou essa técnica milenar, o contar histórias, em segundo plano. A própria Bíblia, aliás, um livro cheio de histórias, é usado antes como manual de moral, em que os textos favoritos para a pregação são aqueles de cunho dogmático-doutrinário¹⁰. Nossas palavras teológicas perdem o gosto e acabam se tornando insossas. Acabam se distanciando cada vez mais do “verbo que se faz carne”, ou seja, de palavras relacionadas com o dia-a-dia e a sobrevivência. Essas palavras não têm mais a ver com o corpo, com a vida das pessoas. Perdemos a capacidade de tornar até mesmo a pregação atraente. Vamos repetindo conceitos abstratos, corretos em sua formulação, sem dúvida, mas que não garantem a sobrevivência e nem melhoram a qualidade de vida das pessoas.

Dentro da teologia, há que procurar por outras palavras, aquelas que evocam o poder criativo e transformador, que retoma a vida e burla a morte¹¹. Há que investir em novas metáforas. Não as palavras que perderam o gosto, o sabor, a corporeidade, mas as palavras que têm a ver com a história concreta das pessoas: o prazer e a dor, a alegria e a tristeza, as coisas da vida.

Notas

- 1 Para maiores informações sobre as parábolas de Jesus, veja Pedro Lima VASCONCELLOS, “*E Lhes Falava em Parábolas*”; uma Introdução à Leitura das Parábolas, São Paulo, Koinonia, 1995 (Mosaicos da Bíblia, 19).
- 2 A teologia e a literatura têm alguns pontos em comum. A literatura lida com a experiência humana partindo da realidade vivida e remetendo ao imaginário simbólico, abstraindo desta realidade. A literatura dá à teologia a oportunidade de refletir sobre as palavras não a partir do horizonte da revelação divina, mas a partir do mundo, demonstrando como se dá a inculturação da experiência de fé. Sobre esta relação entre literatura e teologia, veja Antonio MANZATTO, *Teologia e Literatura; Reflexão Teológica a partir da Antropologia Contida nos Romances de Jorge Amado*, São Paulo, Loyola, 1994, p. 63-87.

- 3 A versão adotada neste texto, assim como as citações, são extraídas de Adélia Bezerra de MENESES, *Do Poder da Palavra*, *Folha de S. Paulo*, 29/01/88.
- 4 ID., op. cit.
- 5 Ibid.
- 6 Neste mesmo artigo, Adélia Bezerra de Meneses estabelece uma conexão entre Sheherazade e Penélope, em que ambas são identificadas como “tecelãs”. Sheherazade tece histórias com a sua memória, ao passo que Penélope, na espera pelo regresso de seu marido Ulisses, tece o seu infundável manto. Ambas tecem em favor de sua sobrevivência.
- 7 Ibid.
- 8 Isabel ALLENDE, *Cuentos de Eva Luna*, 5. ed., Buenos Aires, Sudamericana, 1992.
- 9 ID., op. cit., p. 15.
- 10 Letty M. RUSSELL, *Changing Language and the Church*, in: —, ed., *The Liberating Word; a Guide to Nonsexist Interpretation of the Bible*, Philadelphia, Westminster, 1976, p. 82, 88-89.
- 11 A linguagem tem esse poder criador: “A linguagem, ao menos como é usada no discurso feminista, implica uma criatividade, uma fluidez, ou o que Hannah Arendt chamou uma natalidade... [Ela] pode dar à luz novos sentidos, novos discursos, novas práticas significadoras.” Rebecca S. CHOPP, *The Power to Speak; Feminism, Language, God*, New York, Crossroads, 1989, p. 14.

Wanda Deifelt
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS